

Anúnciação: O tempo dos novos anjos

Gerson Dudus
Faculdade de Filosofia de Campos

Índice

1	Introdução	1
2	Que comunicação?	2
3	Os conceitos serresianos	4
3.1	Anjos	5
4	A Poética em Ação	8
4.1	O Exército Zapatista de Liberta- ção Nacional (EZLN)	9
4.2	O Indymedia/CMI	11
4.3	O “Culture Jamming”	12
5	Conclusão	14
6	Bibliografia	15

*‘Achar o contemporâneo, coisa difícil.
Descobrir o que se é, invenção mais rara
ainda’*

Michel Serres –Filosofia Mestiça

1 Introdução

*“The atomic wind catches your wings and
you are propelled backwards into the future,
an entity time travelling through the late
C20th, a space case,*

an alien angel

*maybe, looking down the deep throat of a
million catastrophes.”*

VNS Matrix/Bitch Mutant Manifesto ¹

¹<http://www.aec.at/meme/symp/contrib/vns.html>

O presente estudo faz uma introdução a um dos conceitos comunicacionais de Michel Serres – os anjos, e sua relação com novos movimentos sociais e o uso diferenciado e democratizador da mídia.

Para Serres, nos tornamos anjos neste momento contemporâneo, somos mensageiros e mensagens lançados o tempo todo – em aviões, ondas de rádio, transmissões de televisão, faxes, ciberespaço. Nossos corpos estão, graças às novas tecnologias da comunicação e informação, em todos os lugares, comunicando algo. Neste trabalho, quero aproveitar o potencial desse conceito para vinculá-lo às possibilidades de democratização dos meios de comunicação e da disseminação de informação de qualidade, além do incremento cidadania e à uma nova forma de ação político-cultural.

O pensamento de Serres é transdisciplinar, como a própria comunicação. Serres é um pensador da deriva, que se firmou dentro das ciências ‘duras’, passou pela epistemologia, chegou à filosofia e trabalha nas conexões e hibridações entre cada área. Propõe uma abordagem em que ciências exatas, humanas e arte possam se tocar e criar conhecimento de maior amplitude e profundidade: “Mestiçagem, eis o meu ideal de cultura. Branco e preto, ciências e letras, monoteísmo e politeísmo, sem ódio recíproco,

em prol de uma pacificação que eu desejo e pratico². Os motivos que me trouxeram até Serres são também subjetivos. Sua história pessoal toca a minha: ele tem uma vida de errâncias no conhecimento, de viagens como marinheiro; minha família não parava num lugar por mais de três anos, entre infância e adolescência; minha deriva no conhecimento passa pela Medicina, pela Teologia até chegar à Comunicação Social, com uma inserção autodidata na Literatura. Serres acredita que o conhecimento se constitui nas passagens entre os lugares de conhecimento. E essa é uma crença também para mim. O nome que recebi vem do hebraico ‘gershom’ e significa ‘peregrino, errante, estrangeiro’. Tornar o nome um destino ou enredo.

2 Que comunicação?

“Nossa reflexão incide sobre esse momento fugaz em que a cultura, os valores, os desejos e as fragilidades que habitam a vida social e a existência concreta dos homens tomam formas, são recriados, modificados (...) se convertem em modelos, retornam enquanto novas imagens, refletem nos comportamentos e nos corpos – e assim sucessivamente.”³

Lucien Sfez, no “Crítica da Comunicação”, faz a constatação de que haveriam dois tipos históricos de modelos de comunicação.

O primeiro é chamado de modelo representacional e compreenderia a divisão clás-

sica entre sujeito e objeto. Este teria como patrono Aristóteles, primeiro ‘modelo’ de uma teoria da comunicação.

O segundo - a expressão, com base na especulação filosófica de Spinoza, seria de fundo holístico e com forte influência nos atuais desenvolvimentos científicos em torno das idéias de autopoiese e segunda cibernética (com Maturana, Varela, von Foerster).

Os dois modelos teriam convivido em uma “rivalidade harmônica” ao longo dos séculos. O modelo representacional foi absolutamente dominante até o século XIX, enquanto o sistema expressivo da comunicação inicia uma ‘disputa’ de concepção de mundo há cerca de cem anos, inclusive porque quase todos os representantes deste pensamento são contemporâneos.

Talvez o patrono deste grupo pudesse ser anterior a Aristóteles, já que estamos em busca de outro olhar para a teoria e outro fazer para a ação. Vamos então considerar Heráclito e seu uso do termo grego ‘koinos’.

Heráclito, o Skoteinós (Obscuro), utilizava em seus textos de uma linguagem incomum para verter percepções ainda mais raras. Deveria, sim, ser considerado o grande iniciador da indagação sobre a comunicação humana, em especial pelas associações singulares que estabeleceu a partir da noção de koinós...

Consultando o dicionário de grego (Bailly, 1950):

(koinós): A falando de coisas: I comum a ...|| II comum a todo o povo, público ...|| III comunicado a outros, publicado; donde comum a todos, comum, usual, ordinário|| B falando de pessoas e de coisas: I que participa de, que está em comunidade ...|| II que é de origem comum, da mesma raça, da mesma natureza|| III que se presta a todos

²SERRES, Michel Luzes, São Paulo, Unimarco 1999, pg. 40

³FRANÇA, Vera Veiga. *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?* Revista Ciberlegenda 5, Artigos produzidos a partir de trabalhos apresentados na COMPÓS de 2001, realizada em Brasília, no GT Epistemologia da Comunicação. www.uff.br/mest.cii/re.htm

igualmente, i.e. 1 sociável, afável|| 2 equitativo, imparcial; falando de acontecimentos: ... chances iguais|| 3 acessível...

Heráclito se ocupou da “comunicação” explorando o campo semântico que se articula a partir dessa noção grega e estabelecendo conexões que evocam determinadas abordagens contemporâneas (...) Muito especialmente, conectou o *koinós* ao *nódi* (“inteligência”) e em seu texto, profusamente poético, lançou mão do jogo aliterativo, explorando a proximidade fonética entre o adjetivo *koinós* (“o-que-é-com, comum”) e a expressão *koin nódi* (“com inteligência”):

“(Os) que falam com inteligência é necessário que se fortaleçam com o comum de todos...

*Comum é a todos o pensar.” (Estobeu, 1991; p.62)*⁴

Quanto melhor se entende como acontece a comunicação, melhor a qualidade da comunicação? Sim, é um projeto educativo - comunicação que é criação de conhecimento e não apenas aporte de informação. Serres, em seus trabalhos mais recentes aponta para a hipótese de que nossa civilização possa se transformar numa ‘sociedade pedagógica’, justamente através das neotecnologias da informação. Castells exemplifica a afirmação de Serres com o potencial libertador da Internet:

“Las tecnologías son producidas por su historia y por el uso que se hace de ellas. Internet fue diseñada como una tecnología abierta, de libre uso, con la intención deli-

*berada de favorecer la libre comunicación global. Y cuando los individuos y comunidades que buscan valores alternativos en la sociedad se apropiaron de esa tecnología, ésta amplificó aún más su carácter libertario, de sistema de comunicación interactivo, abierto, global y en tiempo escogido.”*⁵

Neste trabalho, a intuição é que através dos conceitos comunicacionais de Michel Serres o que aparece não é uma outra teoria, mas uma poética da comunicação. Onde tanto o conceito de comunicação muda, quanto a ação comunicativa se transforma.

Poética vem de *poiesis*, grego. Significa produção, criação. É assim que se nomeia na literatura e nas artes plásticas uma maneira de fazer singular e única.

*“A poética é programa de arte, declarado num manifesto, numa retórica ou mesmo implícito no próprio exercício da atividade artística; ela traduz em termos normativos e operativos um determinado gosto, que, por sua vez, é toda a espiritualidade de uma pessoa ou de uma época projetada no campo da arte”*⁶

Substituindo a palavra ‘arte’ por comunicação, no texto acima, teremos o fazer, produzir, criar comunicação diferenciada e diferenciadora, através de uma outra forma de entender comunicação. O artigo de Luís Ramiro Beltrán, “Adeus a Aristóteles: Comunicação horizontal”, em 1978, que fundamenta um pensamento comunicacional latino americano, coloca um novo modelo em comuni-

⁴TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Modelos Comunicacionais e Práticas de Saúde em Interface - comunicação, saúde, educação, v.1, n.1, pp.7-40, agosto, 1997. <http://www.mensagemia.hpg.ig.com.br/rizoma/aristaclico>

⁵CASTELLS, Manoel. Internet, liberdade e sociedade – uma perspectiva analítica. http://www.uoc.edu/web/esp/launiversidad/inaugural-01/intro_conc.html

⁶PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética, São Paulo, Martins Fontes, 1997, pg. 11.

cação, que nos serve aqui à perfeição - um modelo de comunicação participativa, dialógica e comunitária:

*“Comunicação é o processo de interação social democrático baseado no intercâmbio de símbolos mediante os quais os seres humanos compartilham voluntariamente suas experiências sob condições de acesso livre e igualitário, diálogo e participação”*⁷

Isso é uma poética da comunicação, o que nos propõe Michel Serres, segundo minha intuição. E o que alguns dos novos movimentos sociais põem em ação.

3 Os conceitos serresianos

*“É preciso conceber ou imaginar (...) como viajam os anjos. E, para tanto, descrever os objetos que se situam entre as coisas já observadas, espaços de interferência (...)esses anjos passam no tempo dobrado, daí surgindo milhões de conexões. A preposição ‘entre’ sempre me pareceu e continua parecendo para mim uma preposição de importância capital”*⁸

Michel Serres nasceu em 1930 em Agen, França. Em 1949, entra na Faculdade Naval e depois, em 1952, na Ecole Normale Supérieure. Em 1955, obteve agregação em Filosofia, e de 1956 to 1958 serviu como oficial da Marinha em vários navios. Sua vocação para as viagens, portanto, é mais do que apenas acadêmica. Em 1968, Serres obtém doutorado com tese na filosofia de Leibniz

⁷TRIGUEIRO, Osvaldo. *O Estudo Científico da Comunicação: Avanços Teóricos e Metodológicos ensinados pela Escola Latino-Americana*. <http://www.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/artigo%206-3.htm>

⁸SERRES, Michel. *Luzes*, São Paulo, Unimarco, 1999, pg. 88.

. Durante a década de 60 lecionou com Michel Foucault na Universidade de Clermont-Ferrand e Vincennes e depois foi apontado para a cadeira de história da ciência na Sorbonne, onde ainda leciona. Serres tem sido professor pleno na Stanford University desde 1984, e foi eleito para a Academia Francesa em 1990.

Serres tem uma vasta obra, com mais de 20 livros publicados. Pela maneira transdisciplinar que trabalha e cria seus conceitos, tem sido acusado de fazer uma “obra poética”. No entanto, nos dizeres de Joseph Brodsky, poesia é o máximo da diferença entre nós e os animais, se a linguagem é o que nos distingue deles. E se for, poesia é a finalidade da nossa espécie, a forma mais sofisticada de comunicação. Serres com seu trabalho vem contribuindo para uma reflexão filosófica da problemática da comunicação, e como diferencial, vem colocando o conceito de comunicação no centro da reflexão filosófica.

*“the philosophy that I practice must be written taking into account the deepest foundations of language, as if it is necessary to reinvent the language in which one thinks, everytime one thinks. Immediately, philosophy becomes poetry, in the original sense of the Greek word "poiesis", which means fabrication, production, invention.”*⁹

Para Serres, a comunicação é o espaço-tempo do entre, das preposições. E as preposições ligam lugares diferentes do saber. Serres chega a dizer que ciência não tem a ver com conteúdo, mas com um modo de circulação.

⁹CEPAOS, Revista Interdisciplinar de Desenvolvimento Humano, Cultura e Educação, Dez/2000. <http://cepaosreview.tripod.com/Serres.html>

Dentre os títulos de sua obra, alguns cuidaram de criar conceitos operacionais que se relacionam com o campo da comunicação. Os conceitos encontrados nos cinco volumes do “Hermes” e nos livros “O Parasita” e “Uma História de Anjos” são fundamentais: de Hermes como deus da comunicação, do parasita como ruído, dos anjos como mensageiros. Este trabalho vai centrar-se no conceito de “Anjos”.

3.1 Anjos

*“anjos sobre Berlim o mundo desde o fim e no entanto era um sim e foi e era e é e será sim”*¹⁰

Numa entrevista Serres afirma que sua obra está ligada às transformações na história do trabalho: a era dos “carregadores”, na revolução agrícola, representada por Atlas e Hércules; a era dos “transformadores”, na revolução industrial, representada por Vulcano e Prometeu; e, na revolução informacional (e uma revolução “pedagógica”, em grande parte por se realizar), a era dos “mensageiros”, anunciada por Hermes e pelos anjos que povoam as três grandes religiões mono-teístas (judaísmo, cristianismo, islamismo).

*“Eu fiz dialogar um homem e uma mulher porque meu livro é também um livro sobre o amor, o que jamais ousara abordar. Mas quando se escreve sobre a comunicação, é preciso ter a coragem de ir até o fim: a verdadeira comunicação entre os homens é o amor.”*¹¹

“Uma História de Anjos”, publicado aqui

¹⁰VELOSO, Caetano. Estrangeiro Polygram, 1989, faixa Outros Românticos.

¹¹TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. *Interface - comunicação, saúde, educação*, v.1, n.1, pp.197-199, agosto 1997. www.interface.org.br

em 1995, é classificado como um *ensaio sobre a comunicação*. É um diálogo filosófico entre um casal, um inspetor de companhia aérea, que nunca pára em lugar algum, precisando estar sempre viajando, e uma enfermeira de aeroporto, que está sempre no mesmo lugar. Pantope, ele, e Pia, ela, amigos, se encontram às vezes no Aeroporto de Paris e conversam. Nesta conversa eles falam de anjos. Começam a brincar com as idéias já estabelecidas sobre este conceito e daí, vão entrando em variações e aprofundamentos.

*“um espaço atravessado por mensagens, o que existe de mais luminoso? Olhe o céu aqui mesmo acima de nós, atravessado por aviões, satélites artificiais, ondas eletromagnéticas, televisão, rádio, fax, correio eletrônico. O mundo no qual nos banhamos é um espaço-tempo da comunicação. Por que não falaria de espaço dos anjos, já que esta expressão significa os mensageiros, os conjuntos de fatores, de transmissões prestes a passar, ou os espaços dos passes?”*¹²

Como anjos, carregamos mensagens diretamente inscritas no corpo, já que tudo que somos pode ser lido como informação (DNA, a digitalização do conhecimento...). O trabalho contemporâneo, eminentemente imaterial, é, para Serres, uma prática angélica de colocarmo-nos em circulação através da rede global de informação:

“Os anjos são as mensagens, seu corpo é uma mensagem(...)Imagino que a cada anjo corresponda uma preposição. Mas uma preposição não transporta mensagens, ela in-

¹²SERRES, Michel. *Luzes*. São Paulo, Unimarco, 1999, pg.157.

dica um conjunto de caminhos possíveis, no espaço ou no tempo.”¹³

A sociedade contemporânea é entendida como a da informação ou "comunicacional", mas alguma coisa aconteceu e o que se vê é a proliferação de informação anódina. Tanta informação, entrando por todos os canais ininterruptamente, curiosamente produz não uma maior aporte de conhecimento e esclarecimento, uma maior lucidez, mas sim um entorpecimento, um tédio comunicacional, uma insensibilidade ao que nos rodeia:

*“A comunicação não é o falar, é o fazer-falar. A informação não é o saber, é o fazer-saber. O verbo ‘fazer’ indica que se trata de uma operação, não de uma ação...a ação em si tem menos importância do que o fato de ser ela produzida, induzida, solicitada, mediatizada, tecnicizada...Dessa compulsão operacional decorre o paradoxo operacional: não apenas não se trata de fazer-valer, mas o melhor ainda é nada valer para melhor fazer-valer - nada saber para melhor fazer-saber(...)- nada ter que dizer para melhor comunicar(...)para que algo transite melhor e mais depressa, é preciso que o conteúdo esteja no limite da transparência e da insignificância(...)A boa comunicação, isto é, o que hoje fundamenta a boa sociedade...passa pelo aniquilamento de seu conteúdo.”*¹⁴

Sloterdijk chaga a afirmar que estamos no tempo dos anjos vazios:

“we live in a “time of empty angels” or “mediatic nihilism”, in which we forget what message is to be sent while the transmission media multiply: “This is the very ‘de-

*angeling’ of current times”(Sloterdijk 1997). The word “de-angeling” stands out, in contrast to “evangeling”, the empty nature of the messages disseminated by the mass media”*¹⁵

No entanto, e apesar disso, o anjo de Serres não é o anjo vazio de Sloterdijk. Está mais próximo do anjo de Muniz Sodré:

*“Na realidade volátil e etérea da teler-realidade, tudo tende a apresentar-se como dado informativo, mensagem ou notícia. O médium é o aggelos(‘mensageiro’, em grego, de onde provém ‘anjo’)...O poder comunicacional é assim, claramente afim ao espírito místico da chamada New Age”*¹⁶

Ambos, Sodré e Serres, de modos diferentes, mostram que a utopia da comunicação como um espaço democrático, horizontal, de troca, compartilhamento, comunhão, está comprometida pelos valores que a globalização escolheu para representá-la. Em Serres há toda uma angelologia da comunicação. Ela comporta **Anjos** como mensagens; **Querubins** como centrais distribuidoras, máquinas sociais e técnicas; **Potências, Tronos e Dominações** como os poderes; **Serafins** como os afetos; **Arcanjos** como os excluídos. Esta angelologia é também horizontal, ela envolve os humanos, suas organizações, sua política, sua subjetividade, e o problema do mal:

“como é possível um mundo que tende ao angelismo com seus fluxos e mensagens(...),e que deveria resultar, por isso mesmo, na igualização, na perequação, numa mistura ao mesmo tempo homogênea e altamente diferenciada e, portanto na equidade, re-

¹³SERRES, Michel. *Luzes*. São Paulo, Unimarco, 1999, pg. 156.

¹⁴BAUDRILLARD, Jean. *A Transparência do Mal*. Campinas/SP Papirus, 1990, pg. 54, 56.

¹⁵CAPURRO, Rafael. *What is Angeletics?* 2000, <http://www.capurro.de/angeletics.html>

¹⁶SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho Petrópolis*. Vozes 2002, pg. 77.

*dundar, ao contrário, em mais bestialidade, mais falsos deuses e ódio diabólico, na constituição de escalas de poder e dominação mais destruidoras, em injustiça ainda mais cruel que todos os seus predecessores?”*¹⁷

Para Serres, nós nos tornamos os novos mestres do universo, e agora ‘construímos um mundo quase universalmente miserável que se torna o dado básico, objetivo, de nosso futuro.’¹⁸ E não sabemos o que fazer com isso.

*“the image of the angel allows Serres to pose the question of local-global relations in a way that recalls its mythic heritage, with the necessary change that what is being asked is no longer about the possible limits of God’s power, but rather the limits of human power to link those things that entirely depend on us (aspects of the local environment) with those that previously seemed to in no way depend on us (the global considered in its widest aspect as spatial and temporal remoteness) into a seamless passage.”*¹⁹

A partir dessa análise do nosso tempo e de nossa civilização, Serres aponta a possibilidade de uma escolha ética, de uma solução para o impasse. Para este pensador, a comunicação tem que se tornar o amor:

“(...)nosso tempo, nossos espaços, nossos pensamentos e sentimentos, nossos atos colocam-se em relação a ele somente; só existe vida segundo ou seguindo o amor; só

*tocamos os outros e, talvez, nós mesmos no mais perto dele”*²⁰

Curiosamente, num texto falando também sobre anjos, o teólogo e educador brasileiro Rubem Alves, numa carta aberta a Roberto Marinho, publicada na Folha de São Paulo, propõe ao dono da Rede Globo que ele se torne um anjo, mas não um anjo qualquer: um anjo engravidante. É que Rubem crê ser possível através da mídia, num ato de amor, engravidar as pessoas com ‘paixões alegres’ (como diria Spinoza):

*“Anjos e televisões se parecem em virtude de sua limitada capacidade virtual: dentro dos dois moram e voam pombas sem número. (...)Anjos freqüentemente aparecem disfarçados de homens comuns. Veio-me, então, a idéia de que, talvez, o senhor pudesse ser um deles. O Anjo engravidou uma virgem pela palavra. A TV engravida por palavra e imagem. O senhor, dono da Globo, é muito mais potente que qualquer anjo. Anjos engravidam no varejo. O senhor pode engravidar no atacado. Já imaginou? Engravidar uma nação inteira?(...) Assim, se o senhor se transformasse em Anjo Engravidante, poderia ir pingando mínimas sementes nos mínimos intervalos dos programas, imagens daquelas coisas boas e belas, gestos, atitudes, pensamentos que seduziriam as pessoas a ir recriando o Paraíso neste nosso país. Criar fome de Paraíso...”*²¹

O que Rubem Alves sugere para uma mídia corporativa como a Rede Globo teria efeitos imediatos, já que esta é a única mídia que chega a 99,8% dos domicílios brasileiros. Mas este projeto não tem nenhuma

¹⁷SERRES, Michel. *Uma História de Anjos*. S. Paulo, pg. 294.

¹⁸SERRES, Michel. *Luzes*. S. Paulo, Unimarco 1999, pg. 230, 231.

¹⁹BROWN, Steven D. *Michel Serres: Myth, Mediation and the Logic of the Parasite*. <http://www.devpsy.lboro.ac.uk/psygroup/sb/Serres.htm>

²⁰SERRES, Michel. *Uma História de Anjos*. S. Paulo.

²¹ALVES, Rubem. *in Folha de São Paulo*. 17/02/1997, pg. 3.

relação com os objetivos da mídia corporativa. Ela tem outros interesses que não passam pela democratização da informação, pela participação ativa das audiências, pela cidadania amplificada que poderia gerar.

Todos estes objetivos, quem procura cumpri-los, com todo o talento e usando todas as mídias que lhe caem nas mãos, são justamente os novos movimentos sociais, uma espécie de ativismo global que está juntando forças para fazer democracia de alta intensidade. Eles estão fazendo comunicação horizontal, eles estão criando uma poética da comunicação. Como nos diz Henrique Antoun,

“para o ativismo resistir não é mais apenas sofrer a paixão do embate com o poder atual do Estado e seus dispositivos de governo. Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente” ²²

4 A Poética em Ação

“(...)o desafio é encontrar, para a mídia, uma forma de organização que represente um caminho alternativo, que escape da influência colonizadora do poder e da moeda e se abra como espaço multifacetado de manifestação das forças sociais.” ²³

Este novo ativismo acontecendo, que recupera o espaço público e civil da política, está usando e cada vez melhor todos os equi-

pamentos tecnológicos que a nossa era da informação oferece para aumentar o espectro da democracia – uma democracia não meramente ‘representativa’ (em crise evidente e grave), mas uma democracia participativa. Esse ativismo fez acontecer uma coalizão de forças que antes nem se juntavam para conversar. Todos estão querendo mostrar um outro mundo possível, que não este da exclusão global de $\frac{3}{4}$ da população do mundo aos benefícios da civilização ocidental.

“O que o movimento antiglobalização está demonstrando é que as lutas sociais voltaram à cena internacional como fonte de pressão por mudanças que levem a transformações do modelo civilizatório em curso. Ele foi gerado pelo próprio sistema a que se contrapõe: a globalização capitalista.(...)A novidade no movimento antiglobalização é que ele está unindo, sem apagar as diferenças, num campo de ação comum, grupos políticos e tribos culturais que até então nem sequer se sentavam juntos para dialogar, ou seja, o movimento antiglobalização é, em si, um novo ator sociopolítico” ²⁴

Ativismo que, segundo Antonio Negri e Michael Hardt, é

“uma atividade positiva, construtiva e inovadora(...)a resistência está imediatamente ligada a uma participação vital e inevitável no conjunto das estruturas sociais e à formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade. Essa militância faz da resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor.” ²⁵

Estamos descobrindo, como Serres, que

²²ANTOUN, Henrique. *Jornalismo e ativismo na hipermídia*. Revista FAMECOS, 16/dez 2001, pg. 139.

²³MIGUEL, Luis Felipe. *As novas tecnologias e a democratização da informação*. <http://www.cfch.ufrj.br/lugarcomum/no9.html>

²⁴GOHN, Maria da Glória. ‘De Seattle a Gênova’. Folha de São Paulo, Caderno Mais! 27 de janeiro, de 2002.

²⁵HARDT, Michael e NEGRI, Toni. *Império*, Rio de Janeiro, Record 2001, pg. 437.

comunicação é amor. Grupos como os da luta anti-globalização ou da anti-publicidade, ou outros coletivos inimagináveis há pouco tempo atrás, inventam um outra comunicação para um outro mundo, visando uma outra globalização.

como formular uma nova teoria política que dê conta dos novos coletivos... Se é o coletivo que mudou... Percebe? Esta nova coletividade... O conjunto das mulheres no planeta que tiveram câncer de mama não era um coletivo imaginável há seis anos. É um novo coletivo. E eu acredito que muitos conceitos como a representação por um deputado etc. devem ser re-retomados, re-refletidos e mesmo uma política em tempo real, isto é, o processo de decisão etc., tudo deve ser repensado em virtude das novas tecnologias... ²⁶

Estes grupos não são contra a globalização, mas contra este modelo neoliberal de globalização: “queremos globalizar a proteção ambiental, os padrões de trabalho e qualidade de vida decente para todos os seres humanos”. ²⁷

Alguns destes movimentos usam o nome de **Mídia Tática** para as intervenções e ações que realizam com o objetivo de chacoalhar o entorno social e engajar as pessoas na luta por mais democracia, mais participação, mais ética, mais ecologia, mais igualdade no mundo:

Mídia Tática é um conceito que se firmou nos anos 90, fruto de práticas de ativistas de mídia e festivais de novas mídias na Europa e nos EUA. Seu fundamento básico é a pro-

dução "faça-você-mesmo"(...)Desvinculada de interesses de mercado e de agendas ideológicas associadas aos grandes meios de comunicação, a mídia tática dá voz a todos aqueles excluídos desses meios: classes desfavorecidas, minorias (raciais, sexuais, etc.), comunidades alternativas, dissidentes políticos e artistas de rua, entre outros(...) vai da reutilização de mídias tradicionais como tv, rádio, vídeo, meio impresso e artes em geral, a web sites, produção de softwares e todo tipo de mídia eletrônica, incluindo igualmente, se for o caso, performance, djs e teatro de rua. Rua = esfera pública alternativa que permite uma maior interação entre obra e audiência. Mídia como entendimento de seu próprio potencial criativo, e a conscientização como um processo crítico contra a hegemonia deformadora. ²⁸

Escolhi alguns casos para dar maior clareza ao que significa este novo momento. O primeiro exemplo, porque talvez tenha sido aquele movimento que iniciou a diferença, é o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Depois, derivando dele, o Indymedia – Centro de Mídia Independente, forjado para acompanhar e cobrir os eventos da batalha de Seattle, em 1999, que se amplificou e existe em mais de 50 países hoje, incluindo o Brasil. E, por último, o ‘culture jamming’, os ‘bagunçadores de cultura’, que usam de tudo um pouco e inclusive as neotecnologias para, em suas ações, desmontar o discurso do capitalismo mundial integrado.

²⁶Entrevista com Serres – Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica. <http://www.mensagem.hpg.ig.com.br/rizoma/tecnosociopedia.htm>

²⁷ANTOUN, opus cit pg.140.

²⁸ROSAS, Ricardo e WELLS, Tatiana. *Que venha a mídia tática*. <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/03/-249850.shtml>

4.1 O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)

*“As aldeias indígenas das quais surgiram os zapatistas mal tinham acesso a linhas telefônicas, menos ainda a computadores. Muitos dos zapatistas não falavam espanhol e a maioria nem mesmo sabia ler, quanto mais operar tecnologias avançadas em seu proveito. Esses aldeões não tinham acesso a água limpa, a serviços sanitários básicos, a educação elementar e, é claro, não tinham acesso independente a nenhum tipo de tecnologia de mídia. No entanto, sua presença na Internet tornou-se um dos principais exemplos de ativismo on-line bem sucedido.”*²⁹

Chiapas 1993, México. Enquanto políticos estão celebrando a entrada do país no primeiro mundo, graças à integração do México ao Nafta (Acordo de livre comércio da América do Norte), quatro cidades do distrito de Chiapas tem seus gabinetes municipais e delegacias invadidas e controladas por um exército de índios. Na noite da véspera de ano-novo, o EZLN declara guerra ao governo mexicano. Os zapatistas afirmavam, na Declaração da Floresta Lacandona, primeira manifestação pública, que o movimento representava a luta por autonomia, igualdade e liberdade dos povos indígenas, que exigiam direitos básicos como trabalho, terra, moradia, alimentação, saúde, educação, entre outros.

O jornal La Jornada conseguiu cópia da declaração e a disponibilizou *on-line* na cidade do México. Traduzida, em poucas horas chegou ao mundo todo via Internet, trazendo o engajamento e simpatia de jornalistas,

ativistas, acadêmicos, defensores de direitos humanos em todo lugar.

Com essa estratégia o EZLN conseguiu quebrar o monopólio informativo do governo do México, que controla o país política e economicamente, desde 1929(!), com o mesmo partido (PRI – Partido Revolucionario Institucional) tendo a ajuda da Televisa, rede nacional de Tv que conta com 90% da audiência do povo mexicano.

Desde o início, O EZLN teve uma estratégia de comunicação que tentava garantir às suas ações a atenção imediata, através da publicação de suas declarações na mídia impressa e eletrônica. Num segundo momento, começaram a convidar pessoas de expressão para visitar as comunidades zapatistas também para chamar a atenção da mídia. Eles inspiraram o desenvolvimento de uma rede de comunicação radical, que foi reunindo os ativistas sociais e políticos aos hackers, que desembocou na organização do movimento contra a OMC em 1999, em Seattle, que criou o Indymedia.

O EZLN juntava os excluídos do discurso hegemônico por várias questões: gênero, posição social, valores culturais, raça. Funcionava como uma ágora de inclusão social impressionante. O movimento acreditava, e acredita, que o diálogo é veículo fundamental para a ação política. Os zapatistas também não tem líder, nem subchefe, nem mandatos oficiais. Tem um exército, mas este não ocupa posição de poder estratégico, tendo de prestar contas aos grupos indígenas que tomam as decisões. Tudo é decidido num processo aberto e participativo.

“Esse processo de construir a comunidade através de um exercício dialógico intercultural foi a estratégia mais poderosa empregada pelo EZLN para assegurar sua re-

²⁹DOWNING, John D. H. *Mídia Radical*. S. Paulo, Senac 2002, pg. 305.

sistência, unificação e sobrevivência. Sua maior força estava em sua habilidade de empenhar-se nesse esforço constante e criativo, não só em suas próprias comunidades mas também em outro espaço, um reino virtual construído pela utilização radical de tecnologias de comunicação universais” ³⁰

Para se ter uma idéia, já em janeiro de 1994, várias listas de discussão começaram a distribuir informes sobre a luta em Chiapas. Era a maneira de informar de modo diferente e menos mentiroso daquele da mídia mexicana e norte-americana. Depois, foram aparecendo páginas de Internet, onde universidades e fundações disponibilizavam discussões sobre a questão mexicana em seus *sites*. Pessoas também começaram a construir *sites* específicos coletando todo o material dos Zapatistas, como suas Declarações e disponibilizando, além de fazerem *clippings* de tudo o que saía na imprensa sobre o movimento.

A Internet fez com que os protestos internacionais contra os ataques militares às comunidades zapatistas acontecessem logo no início do movimento, e criou formas de política inovadoras, através desse diálogo internacional, intercultural e radical.

4.2 O Indymedia/CMI

“Indymedia is a collective of independent media organizations and hundreds of journalists, offering grassroots, non-corporate coverage. Indymedia is a democratic media outlet for the creation of radical accurate and passionate tellings of truth. We work out of a love and inspiration for people who continue to work for a better world, despite corporate medias’s distortions and unwilling-

ness to cover the efforts to free humanity” ³¹

“Don’t hate the media, be the media”. Essa frase cunhada pelo punk ex-Dead Kennedys, Jello Biafra, sintetiza a visão do Centro de Mídia Independente. Criado em 1999, para cobrir minuto a minuto todos os eventos da manifestação contra a OMC (Organização Mundial do Comércio), ele reuniu dezenas de colaboradores anônimos que ligavam suas câmeras a laptops, usavam celulares como walkie-talkie, filmavam as ações e transmitiam de cibercafés, para desmentir a cobertura da mídia corporativa que dizia que nada estava acontecendo.

O uso de um sistema de edição chamado *open-publishing*, onde qualquer um pode mandar sua matéria e publicá-la no site do Indymedia, aliado ao *copyleft*, que possibilita a reprodução da informação - texto/foto/ilustração/vídeo, desde que citada a fonte e respeitada a integridade do material, faz do Centro de Mídia Independente uma coisa realmente nova acontecendo no mundo jornalístico, e na maneira de utilizar a mídia.

“A nova mídia desenvolve sua cobertura como um documentário ficcional cujo roteiro vai sendo escrito através das fabulações narradas pelos próprios participantes. Se ela pode abandonar a isenção jornalística e permanecer veraz, deve ser porque sua evidente adesão ao acontecimento se faz para proveito do jornalismo” ³²

Eles, através desse trabalho, puderam dar uma idéia mito mais real do que aconteceu entre os dias 28 de novembro e 3 de dezembro de 1999. A chamada “batalha de Seattle” reuniu mais de 50 mil manifestan-

³⁰idem, pg. 297.

³¹<http://indymedia.org/about.php3>

³²ANTOUN, op. cit pg. 143.

tes do mundo todo contra o FMI, o Banco Mundial e a OMC. Usando o material coletado, o Indymedia produziu documentários, que eram distribuídos via satélite ou vendidos como vídeos; produziu um jornal em PDF, para ser impresso e espalhado pelas comunidades em que o acesso à Internet era escasso; seus áudios se espalharam pelas rádios da Internet. E ele começou a entrar, depois de mais de dois milhões de conexões, no AOL, Yahoo, CNN, etc.

*“A nova mídia não é um meio de vida, como eram os velhos locais de trabalho e as antigas profissões. A nova mídia é um meio para viver, um meio onde o tempo do trabalho não se contrapõe mais ao tempo da vida, um meio onde o trabalho vivo determina o trabalho “morto” e onde o movimento vivo de cada participante constitui o espaço vital da atividade comunitária”*³³

E depois disso, a lição é que era preciso espalhar-se, criar novos centros em todo o lugar, privilegiar e disponibilizar informações sobre os movimentos sociais, movimentos sindicais, movimentos de minorias, movimento ecológico, que são relegados a décimo plano pela mídia ‘normal’. Hoje são mais de cem Centros espalhados pelo mundo, presentes em todos os continentes. Todos trabalhando pela construção de um mundo mais informado, mais democrático, mais crítico, mais pró-ativo.

“A proposta é a criação de um ambiente através do qual possamos coordenar, batalhar e, esperançosamente, ganhar a guerra de idéias(...)A netwar, guerra em rede, a efetivação de conflitos sociais, políticos e econômicos no âmbito da informação abriu um novo terreno pelo qual a luta contra

*o poder hegemônico na sociedade é efetivada(...)Indymedia é um veículo através do qual a base ideológica das atuais estruturas de poder pode ser subvertida”*³⁴

4.3 O “Culture Jamming”

“Os movimentos sociais são prenes de diferenças e de contradições, o que constitui justamente a sua riqueza. Ou seja, sua riqueza é seu caráter de multidão, onde há a convivência de muitas diferenças(...)A complexidade desses movimentos não pode ser reduzida arbitrariamente, num movimento que pretende transformar a multidão em povo, impondo, para tanto, uma linguagem, um imaginário, uma forma de representação política.”

Coletivo Wu Ming³⁵

“Culture jamming”, que pode ser bem mal traduzido por bagunçadores ou misturadores da cultura, foi um termo criado em 1984 pela banda de áudiocolagem Negativland, de São Francisco. O trabalho dos ativistas que trabalham nisso é mexer com as estruturas imaginárias e ideológicas na publicidade, considerada por eles invasiva demais. Segundo os *culture jammers* é preciso recuperar o espaço público tomado pela onipresença da publicidade em cinemas, praças, avenidas, ruas. Suas ações misturam grafite, arte moderna, filosofia punk (D.I.Y. do it yourself, ‘faça você mesmo’), teatro de rua, performances numa única embalagem. Há grupos que fa-

³⁴HENSHAW-PLATH, Evan. *Reflexões aleatórias a respeito da rede Indymedia e mídia tática*. Revista Play 5 set/2002, Conrad Editora, pg. 28.

³⁵WEISSHEIMER, Marco Aurélio. **PROJETO WU MING** Em busca de uma nova linguagem para a ação política. <http://www.wumingfoundation.com/italiano/rassegna/cartamaior.html>

³³ANTOUN, ibidem pg. 141.

zem isso desde a década de 80 (como o Billboard Liberation Front, de S. Francisco, ou o BUG-UP, Billboard Utiling Graffitis Against Unhealthy Promotions, m Sidney). Podemos também lembrar dos situacionistas na década de 60, ou Guy Debord cunhando o *detournement*, o desvio do contexto de uma imagem, mensagem ou artefato para criar um novo sentido.

A diferença fundamental entre as experiências anteriores e o *culture jamming* de meados da década de 90 é que o trabalho destes ativistas ataca eminentemente a ideologia do consumo ilimitado, e as mensagens da publicidade ou de outros discursos corporativos. São ácidas críticas políticas criadas pelos ativistas que atingem as corporações no bolso, porque os outdoors ficam ali expostos trabalhando contra a publicidade institucional.

Exemplos podem ser dados com campanhas de cigarro da Camel, em que os ativistas transformam o camelo de nome Joe Camel em Joe Chemo (de chemistry, química, numa alusão ao câncer e à quimioterapia que os fumantes podem sofrer), onde o camelo aparece preso a uma máquina de quimioterapia. Ou o artista Jubal Brown, de Toronto/Canadá, que ensinou equipes a alterar os rosos de modelos em outdoors para caveiras usando um marcador acentuando olheiras e emagrecimento do rosto e um zíper nas bocas. No dia 1º de Abril de 1997, eles atacaram centenas de outdoors pela cidade inteira. Gap, Nike, Thomas Hillfinger, todas as grandes foram atingidas. E isso foi publicado na Adbusters(algo como ‘caçadores de publicidade’), a revista de uma Ong do mesmo nome que se especializa no movimento anti-publicidade. E essa onda se espalhou então por cidades dos Estados Unidos e Europa.

Para estes militantes, hoje, objetivamente, as corporações tem mais poder do que o Estado, daí a necessidade de centrar fogo no que elas querem induzir o público a pensar. Tim Bissell, ativista de direitos trabalhistas diz o seguinte:

*“Existem algumas corporações que divulgam a si mesmas de forma tão agressiva, pretendendo imprimir sua imagem em tudo e em toda a rua que criam uma reserva de ressentimento entre as pessoas pensantes. As pessoas se ressentem da destruição da cultura e sua substituição por es ses logos e slogans corporativos de massa. Isso representa uma espécie de fascismo cultural.”*³⁶

Estes ativistas não fazem apenas *culture jamming*, eles também participam de manifestações contra a OMC ou o FMI, participam das passeatas do ‘Regain the Streets’(Resgate as Ruas), etc. Tudo faz parte de uma atitude política de um movimento muito maior para atacar a ideologia do mercado, os valores do neoliberalismo impostos pelo Capitalismo Mundial Integrado.

Outra manifestação interessante é o dos coletivos de criação, como o Projeto Luther Blissett(1994-99), que se tornou o coletivo **wu ming** reunindo Roberto Bui, Giovanni Cattabriga, Luca Di Meo, Federico Guglielmi(autores em comum do romance “Q, O Caçador de Hereges”) e Ricardo Pedrini. O nome escolhido significa ‘sem nome’ em chinês e designa as produções dissidentes. Eles atacam a idéia de autoria e direito autoral. Todas as produções do coletivo são livres de copyright. Eles se aproximam, na literatura, da linhagem dos programadores que

³⁶KLEIN, Naomi. *Sem Logo*. Rio de Janeiro, Record 2002, pg. 315.

trabalham com o “open source” e o software livre.

O trabalho do **wu ming** é imaterial, trata de gerar novos modos de narrar novas histórias para essa nova época. Eles acreditam que é preciso dar linguagem a toda essa diversidade dos movimentos sociais contemporâneos:

*“Nós acreditamos que a cultura que está se desenvolvendo hoje, graças às novas tecnologias, é mais semelhante à cultura que produziu a Ilíada, a Odisséia, a Bíblia, etc., que à cultura industrial do século XX, descrita criticamente pela Escola de Frankfurt. Neste contexto, achamos que há uma tarefa muito semelhante àquela colocada para os artistas do período renascentista: encontrar uma linguagem que expresse a dimensão do imaginário que leve em conta essas transformações. Essa é uma das razões pelas quais, por exemplo, estamos muito interessados no fenômeno da literatura brasileira de cordel, uma manifestação de cultura popular horizontal, desde baixo, reticular e difusa”*³⁷

5 Conclusão

Claro que sabemos dos riscos que a Internet produz. Sites neonazistas, de extrema-direita, de extrema-esquerda, de pornografia infantil, todo tipo de aberração. Porque é livre. Aliás, já houve algumas tentativas de controle pela administração Clinton. Uma das mais famosas, e que convém lembrar aqui foi a lei de controle da pornografia infantil, de 1996:

“En una sentencia célebre, de 1996, el Tribunal Federal del Distrito Este de Pen-

³⁷WEISSHEIMER, Op. Cit.

*sylvania reconoció que Internet es un caos, pero afirmó, textualmente: “La ausencia de regulación gubernativa de los contenidos de Internet ha producido, incuestionablemente, una especie de caos, pero lo que ha hecho de Internet un éxito es el caos que representa. La fuerza de Internet es ese caos. De la misma forma que la fuerza de Internet es el caos, la fuerza de nuestra libertad depende del caos y de la cacofonía de la expresión sin trabas que protege la Primera Enmienda. Por estas razones, sin dudar, considero que la Ley de Decencia en las Comunicaciones es prima facie inconstitucional.” Así se protegió una libertad amenazada por una Administración que, pese a sus declaraciones en favor de Internet, siempre desconfió, como la mayoría de los gobiernos, de la libre expresión y autoorganización de los ciudadanos”*³⁸

Esta sentença confirma que é preciso acreditar na potência da multidão, na criatividade e força dos movimentos sociais para gerar um contrapoder que desequilibre o atual estado de coisas. E tudo isso através de pensamento e ação diferenciados sobre a comunicação. Hakim Bey, pensador sem rosto, que desconfiam ser um americano que viveu no Irã na década de 70, fala sobre as necessidades, neste momento do movimento anti-globalização:

O que significa isso tudo em termos de estratégia possível – ou até tática – “depois de Seattle”, etc, etc? De que forma esta “espera por um sinal” se relaciona com a luta contra a OMC, o FMI, o World Bank, o NAFTA, o GATT, as grandes corporações, os superfun-

³⁸CASTELLS, Manoel. *Internet, liberdade e sociedade – uma perspectiva analítica.* http://www.uoc.edu/web/esp/launiversidad/inaugural-01/intro_conc.htm

dos, para não mencionar os velhos inimigos de sempre, como governos e exércitos, e novos e ambíguos inimigos, como as ONGs? Eu gostaria de fazer um apelo à teoria, o que de modo algum implica ideologia. "Theoria" originalmente significa "visão" e inclui tanto vista como "experiência visionária"³⁹

Portanto é preciso uma teoria que seja "experiência visionária". Daí a hipótese da poética da comunicação, que pensa diferente para produzir diferença. Para dar conta dos desafios que se colocam àqueles que querem mudança, equidade, justiça, paz, neste momento histórico. Os exemplos escolhidos dão uma pálida idéia da criatividade e diversidade de ações que os movimentos sociais tem possibilitado. Essa potência de criação, essa vitalidade é um dado que vai continuar produzindo incômodo, alimentando a revolta da multidão para a produção de uma nova ordem mundial.

6 Bibliografia

- BEY, Hakim. *TAZ Zonas Autônomas Temporárias*. São Paulo: Conrad Books, 2001.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.
- CRITICAL ART ENSEMBLE. *Tactical Media*. www.critical-art.net
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: 34, 1993.
- DOWNING, John D. H. *Mídia Radical - Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais* são Paulo Senac, 2002.
- GIOVANNINI, G. *Evolução na comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª edição, 1987.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: 34, 1993.
- HARDT, Michael e NEGRI, Toni. *Império*. Rio de Janeiro, Record 2001.
- HOHLFELDT, Antonio MARTINO, Luis C. FRANÇA, Vera V. *Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis Vozes, 2001.
- KLEIN, Naomi. *Sem Logo. A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido*. Rio de Janeiro, Record 2002.
- LECHTE, John. *Fifty Contemporary Thinkers*. USA: Roughledge, 1994
- MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: 1999.
- MORAES, Dênis de. *O planeta mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- NEGROPONTE, Nicolas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. & NETO, Antônio Fausto (org.). *Comunicação e cultura contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Notrya. 1993.

³⁹Hakim Bey. *Batalha Espiritual*
http://riseup.net/anarquista/batalha_espiritual.htm

- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo, Razão Social, 1992.
- SERRES, Michel. *A Lenda dos Anjos*. São Paulo: Aleph, 1995
- SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- SERRES, Michel. *Hermes*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- SERRES, Michel. *Luzes*. São Paulo: Unimarc, 1999.
- SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Virando o Século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho – Uma teoria da comunicação linear e em rede* Petrópolis Vozes, 2002.
- STEPHENS, Mitchell. *História das comunicações: do tantã ao satélite*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1993
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.